

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 25 de fevereiro de 2015**

*Texto de referência: L. Giussani, Por que a Igreja,
Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo, 2015, cap. 2 (pp. 27-50).*

- *Noi non sappiamo chi era*
- *La mente torna*

Glória

Carrón: O trabalho de hoje tem como tema o segundo capítulo de *Por que a Igreja*, no qual Dom Giussani parte da sua constante preocupação metodológica, porque é profundamente consciente de que se erramos o método, não conseguimos entender. E se isso é decisivo sempre, tanto mais o é para as questões da vida que são mais urgentes, como a que estamos trabalhando: “ ‘Como é possível, *hoje*, chegar a uma avaliação sobre Cristo objetiva e adequada à importância da adesão que Ele pretende?’ [como eu posso chegar à certeza sobre Cristo?]. Equivale também a dizer: ‘Com que *método* eu tenho a possibilidade de ser razoável em aderir à proposta cristã?’ ” (p. 27). Todos percebemos a urgência de uma questão desse calibre. Quem de nós não deseja chegar a essa certeza? Percebemos o quanto desejamos ter essa certeza quando a vemos realizada em outra pessoa. Como desejaríamos tê-la também! Percebemos realmente a necessidade dessa certeza quando a vida nos pressiona e sentimos toda a necessidade de nos apoiarmos em algo seguro para não sermos esmagados ou arrastados por alguma circunstância. Então, o objetivo desse segundo capítulo é responder a essa questão existencial. Mas há um risco. Qual? O de ler esse capítulo como uma grande aula sobre os três filões da história cultural ocidental (racionalista, protestante e ortodoxo-católico) onde podemos aprender algo, como um tipo de conhecimento até útil, mas que não é capaz de resolver a questão se posso alcançar a certeza sobre Cristo. E, como, de qualquer forma, é uma leitura apaixonante, pode nos distrair do objetivo. Mas, se o consideramos assim – Dom Giussani logo nos chama a atenção –, o capítulo não é capaz de contribuir para responder à necessidade de certeza que temos, tanto é verdade que não basta conhecer as três posturas das quais fala Dom Giussani e descrevê-las para que o problema seja resolvido. Portanto, é preciso que cada um se pergunte – façamos a verificação! – se, trabalhando sobre esse capítulo, alcançou uma certeza maior sobre Cristo. Essa é a verificação se estamos fazendo bem a Escola de Comunidade, porque adquirir um pouco mais de conhecimento seria inútil; já o temos suficientemente para viver sem esse a mais. Bastaria que cada um, antes de ir dormir esta noite, se perguntasse: cheguei a uma certeza maior trabalhando sobre este capítulo? Para nos ajudar, Dom Giussani nos diz que essas três posturas não são apenas três episódios da história cultural, mas são “dobras escondidas assumidas pela história da consciência do homem frente ao problema que estamos tratando [...] [que podem] indicar três modalidades que podem ser [também] nossas”. Consequentemente, a verdadeira questão – existencialmente falando – é como podemos identificar em nós essas três posturas. E, que ajuda Dom Giussani nos dá, prática, concreta, de modo que possamos identificar em nós essas posturas? Não nos propõe – não adiantaria! – uma introspecção ou uma análise psicológica; não, porque as posturas aparecem “ao abordar”, diz o livro, “as mais diversas circunstâncias da nossa vida”. É ali, enfrentando as circunstâncias da nossa vida, que emerge diante dos nossos olhos, da nossa consciência, se temos ou não certeza de Cristo. As circunstâncias podem ser de qualquer tipo, “desde um desejado encontro até a admiração por um céu estrelado!” (p. 28), desde fatos de terrorismo até um evento imprevisto.

Colocação: *Conto um fato pequeno.*

Carrón: Pequeno, mas significativo.

Colocação: *Estava com muita dor de dente. Fiquei mal o fim de semana inteiro. Fui ao dentista, ele pegou pinças gigantes e extraiu o meu dente. Senti um medo como nunca tinha sentido. Esse*

grande medo me tomou, ali, na cadeira do dentista. Quando saí, pensei no meu medo, na minha família e em todos os meus medos. No último encontro, você falava sobre o medo. Quando eu tinha vinte anos, me sentia um leão, e não tinha medo de nada. Agora, tenho medo de tudo (da saúde, dos filhos, etc). Por que, com a idade, não me fortaleci, mas me enfraqueci? Por que me sinto tão frágil? No entanto, todos os desejos que tinha no tempo da universidade, foram realizados: um marido, um trabalho, uma casa, uma família onde pudesse fazer uma oração antes das refeições. Percebo que estou cada vez mais perdida e frágil, como me senti na cadeira do dentista, diante de muitas circunstâncias, começando pelo trabalho meu e do meu marido (que não são tão seguros como gostaríamos) ou diante dos fatos que acontecem no mundo, que se tornam um comentário na internet. Então, trabalhando sobre o livro, desde o primeiro parágrafo, me perguntei: onde está o engano? O que faz com que eu reduza Jesus a um fato histórico do passado?

Carrón: Refletindo sobre a história do dente, você se pergunta: como é possível que alguém possa estar cada vez mais realizado e cada vez mais perdido? Não é que a vida sempre nos trate mal, às vezes os nossos desejos são realizados. Mas isso não basta. Então, como reconheço qual é a minha postura? Pelo fato de Cristo não ser capaz de tirar de mim esse desnorteamento, esse medo. Você está aqui, mas muitas vezes, para nós, Cristo, de fato, diante dos desafios da vida, é como um fenômeno do passado, que você conhece muito bem, que pode documentar, sobre o qual pode até dar uma aula; mas não está realmente presente. Às vezes confundimos a realização dos nossos desejos com a certeza em relação a Cristo. No entanto, não. Podemos estar realizados, mas isso não nos dá a consistência de que precisamos para enfrentar os desafios da vida. E quando os temos diante de nós, fica evidente o nosso desnorteamento. E o que esse desnorteamento documenta? Que há uma modalidade de entrar em relacionamento com as circunstâncias que é racionalista. “A postura racionalista”, diz Dom Giussani, “pode ser a de cada um de nós”. Porque “trabalha [independente das intenções] com a hipótese da ausência” (p. 34). De fato, diante das circunstâncias eu vivo uma ausência. E como vemos isso? Porque quando descrevo a realidade, não falo de uma presença tão determinante para a vida que muda a minha percepção da realidade. Então, nos perguntamos: onde está o engano? No entanto, nós pertencemos ao Movimento, estamos aqui lealmente! Não é que não estejamos presentes, não é que sejamos invisíveis, não é que não O vejamos agir. Onde está o engano, então? No fato de que não basta estarmos aqui se, depois, não fazemos o caminho que nos permite alcançar uma certeza cada vez maior sobre Cristo. Porque podemos contar episódios, falar sobre fatos – somos muito bons em fazer isso –, mas, como diz o livro, Deus é como relegado a uma distância à qual o esforço do homem tenta chegar, mas não consegue, ao invés de percebê-Lo como Alguém que está ao seu lado, agora. Não que eu faça isso conscientemente, mas de fato vivo o acontecimento de Cristo como uma coisa do passado, como algo distante que não determina o presente. Esse é o ponto: estou diante de uma ausência que, exatamente por isso, não é capaz de determinar o presente.

Colocação: *Cerca de quinze dias atrás, organizei um presente de Natal para minha família, meus sogros e meus pais: belas férias nas montanhas em um hotel, onde todos pudessem esquiar e fossem muito bem tratados. A ideia inicial era organizar algo bonito também para que eu pudesse aprender a esquiar, os avós poderiam ficar com os menores...*

Carrón: Você já tinha determinado o lugar de cada um!

Colocação. *Depois, considerando o todo e também outras situações, disse: “Podem ir esquiar, eu fico com meus pais e as crianças pequenas”. No dia seguinte, vi todos saindo para esquiar e era como ter levado todos ao estádio, mas ficar sozinho do lado de fora. E eu, ali, com meus dois filhos pequenos e meus pais... Tinha organizado tudo, preparado tudo, mas à noite eu estava muito irritado. Tinha feito uma coisa bonita, estava em um lugar bonito, estava com a minha família, mas estava realmente irritado. Então, no fim do segundo dia, coloquei as crianças na cama e não conseguia dormir. Fui até a sala e fiquei acordado até às três da manhã. E comecei a fazer uma série de raciocínios, nos quais começava a ficar evidente que Cristo não estava presente, ou melhor, não O via, não entendia, e pensava: eu O encontrei, sei tudo, mas, nesse momento, realmente não incide. Então, as férias terminaram, por sorte! Em casa, minha mulher me disse:*

“Por que você está irritado? Estou vendo que você está irritado”; e perguntou: “O que eu fiz?”. Olhei para ela e disse: “Nada, você esquiou”. Mas ela continuava insistindo: “Diga o que aconteceu!”. Em suma, depois de um tempo, eu disse: “Olha, o problema é que eu preciso que o fato de Cristo seja uma coisa determinante na minha vida, mas me falta de tal modo que é a única coisa que realmente desejo. Quero ser determinado por isso, desejo isso”. E, olhando para ela – era o mesmo rosto do dia anterior –, lhe disse: “Preciso ser amado”. É como se eu tivesse buscado uma ideia brilhante, melhor, como se eu tivesse realizado uma ideia brilhante, mas não me dava conta e não me dou conta, normalmente, daquilo que está presente, nem mesmo o rosto de minha mulher e dos meus filhos.

Carrón: E quando não me dou conta daquilo que está presente, como se chama essa postura? Racionalismo: não vejo a realidade como é. Posso tê-la diante de mim, mas estou com muita raiva, mesmo numa situação como a que foi descrita, não é que tenha acontecido uma desgraça, não, tudo tinha sido pensado, preparado, desejado, a ideia perfeita tinha sido elaborada para que a diversão fosse grande. E então?

Colocação: *Nestes meses, ir atrás daquilo que aconteceu, daquilo que nos dissemos, daquilo que vemos em nossa volta – dando-me conta disso ou não –, fez nascer em mim uma inquietação, um desejo de me colocar na linha de frente, enquanto por causa do trabalho que faço me parecia estar um pouco na retaguarda. Essa impressão cresceu nos últimos meses, também por aquilo que vi. Penso, por exemplo, no encontro com alguns amigos nossos missionários. Cerca de quinze dias atrás fizemos um jantar com o meu grupo de Fraternidade e falei sobre essa minha sensação, dizendo que ir a Roma para o encontro com o Papa era exatamente para ouvir o que ele tinha a dizer e saber como isso poderia ser uma resposta para esse desejo. O jantar terminou assim. No dia seguinte, uma amiga me enviou uma mensagem dizendo que na noite anterior eu tinha sido muito injusto e que não percebia o que estava fazendo e o que acontecia – ela também trabalha comigo –, que ela não estava na retaguarda. Marquei um encontro com ela e lhe disse: “Vamos falar sobre isso”. E fiquei impressionado, porque aquilo que eu tinha dito, o meu modo de não olhar, ou melhor, de não ver aquilo que estávamos fazendo e aquilo que estava diante dos meus olhos; eu a tinha ofendido de tal modo que a sua paixão, o seu modo de olhar, de me chamar a atenção para a realidade me fez refletir o quanto eu não enxergava mais. Isso me impressionou porque, trabalhando sobre o olhar ortodoxo-católico, entendi muito bem que se não há algo que me leve a olhar para Cristo, tudo, para mim, continua verdadeiro, mas se desloca para o passado. De fato, vivia de uma alternativa ou, de algum modo, fomentava em mim a possibilidade de uma alternativa que pudesse ser um pouco melhor do que a realidade verdadeira. Ou, então, era arrastado pelos meus sentimentos, pelo meu “como teria sido bonito fazer isso” que me emociona mais. Realmente me impressionou que, ao contrário, fui recolocado diante da realidade, e renasceu também a resposta ao Senhor: eu adiro àquilo que me pedes para fazer, porque Tu estás aqui. E percebi que foi isso o que aconteceu com aquilo que você escreveu e disse durante todo o ano (Exercícios da Fraternidade, encarte sobre as eleições europeias, artigo de Natal, carta sobre a peregrinação a Roma, artigo sobre os acontecimentos em Paris): todas as vezes, o seu modo de olhar me recolocou dentro da realidade até ver aquilo que não via.*

Carrón: E o que isso demonstra? Porque, aqui, está todo problema: se Cristo é um fato presente que torna possível olhar para a realidade; senão, eu caio em um olhar reduzido da realidade. Mas, a questão é que todos estamos imersos em um lugar, não é que tudo desapareça e nos tornemos todos espiritualistas e todos – como dizem alguns – intimistas; não, todos nós somos circundados pela realidade de uma companhia. No entanto, essa companhia não determina o nosso modo de estar na realidade a ponto de tirar o medo, o desnorreamento e de nos acompanhar quando as coisas não vão como tínhamos pensado. Se não consigo ver nem aquilo que está acontecendo diante dos meus olhos, onde está o engano? Não é que a realidade tenha desaparecido, tanto é verdade que um instante depois você não se torna visionário; simplesmente volta a ver aquilo que lhe foi introduzido por aquela pessoa.

Colocação: *É isso.*

Carrón: Porém, se a Presença não é acolhida na minha vida de modo que determine a minha postura em relação à realidade, eu a reduzo a um fato do passado ou a um fenômeno sentimental, espiritualista ou intimista, protestante (mesmo que eu o “sinta”, não determina a maneira de estar na realidade). O que é verdadeiramente decisivo para alcançar a certeza sobre Cristo é vê-Lo em ação no modo com o qual eu abordo, como diz Giussani, as circunstâncias da vida, “desde um desejado encontro até a admiração de um céu estrelado”, tudo. Porque tudo acontece diante dos nossos olhos – não é que aconteça para alguns e, para outros, não, não é que alguns estejam fora da realidade e, outros, dentro; não, todos nós pertencemos à mesma realidade, mas se a Presença – como diz o texto da Escola de Comunidade: “uma presença integralmente humana” – não é capaz de determinar a vida, a vida não “explode”, isto é, não se realiza. Basta que Ele chegue, como dizia, por analogia, a canção de Mina, e a mente volta, o coração palpita. A questão é: o que facilita isso? Como podemos crescer cada vez mais no reconhecimento daquilo que existe? Porque existe, e como! Veremos daqui a pouco como o último chegado vê isso, vê coisas que estão diante dos nossos olhos, mas que nós não vemos.

Colocação: *No segundo capítulo de Por que a Igreja, Dom Giussani sublinha continuamente como o acontecimento de Cristo se revela uma presença integralmente humana e que só é possível deparar-se com Ele através da comunidade dos crentes, a Igreja. Até pouco tempo atrás estava convencida de que deveria ter uma certeza sobre Cristo que superasse a concretude das pessoas, dos amigos e da comunidade, para encontrar um fator comum sobre o qual construir uma certeza. Isso porque, se estou no trabalho sem os amigos e sem o namorado, se não posso ligar para eles naquele momento, de qualquer modo preciso conseguir ficar no trabalho com as minhas dificuldades descobrindo o que pode haver de bom ali. Devo apostar nos enfermeiros que estão ali, nos pacientes, nos médicos, mas as pessoas não carregam uma tabuleta escrito “cristão” ou “membro de CL”, sou só eu. Deve haver algo que me faça olhar para a realidade a partir de uma hipótese boa, que chame a minha atenção para a grandeza, mesmo que aqueles rostos precisos não estejam presentes. Falei sobre isso com uma amiga e ela me disse que sem partir dos amigos, das pessoas que sabe que a amam, sem voltar-se concretamente a elas, tem dificuldade de recomeçar. Eu disse a mim mesma: bem, vamos ver, vamos ver se é mais verdadeiro. De fato, eu também preciso de algo concreto, preciso ver os amigos, estar com o namorado, e não só pensar neles. Nestas últimas semanas nas quais, por causa de determinadas circunstâncias, vi mais que nunca que precisava de fatos concretos, percebi, porém, que normalmente crio expectativas em relação às pessoas, como dizer: se Cristo passa através dessas pessoas, então eu espero o máximo, espero que me transmitam um bem absoluto, desejo um bem absoluto. Porém, não é sempre assim. Mesmo meu namorado, que me ama, é um homem que erra e que precisa de atenção. Então, como a comunidade cristã, independente dos limites de cada um, pode ser a presença objetiva de Cristo? Como olhar para a comunidade sem uma benevolência de fundo (como é a expressão de Cristo, então está tudo certo, mesmo que, porventura, alguém não me suporte) e sem a pretensão de que responda completamente à minha necessidade?*

Carrón: Como você acha que podemos ter certeza de que a comunidade dos crentes é a presença objetiva de Cristo? Em quê você poderia reconhecer que é Cristo? Faço uma pergunta que talvez seja mais simples: em quê João e André puderam reconhecer Cristo no dia em que O encontraram? Podiam reconhecê-Lo em alguma coisa?

Colocação: Não.

Carrón: Está vendo? Esse é o ponto! Veem? Esse é o ponto: “Não”! A mulher de André podia reconhecer que seu marido tinha encontrado Alguém objetivamente diferente?

Colocação: Sim.

Carrón: Giussani diz isso, como vocês viram no vídeo que saiu junto com o *Corriere de la Sera*: “André, o que você tem? Está diferente, o que aconteceu?” (“*Dom Giussani 1922-2005. O pensamento, os discursos, a fé*”, suplemento mensal, *Corriere della Sera*, 21 de fevereiro de 2015). Jesus estava com André no momento em que ele abraçava a mulher? Não. Não! Mas em quê era possível reconhecer que André tinha encontrado uma presença objetivamente diferente de todas as

outras? Quais sinais a mulher pôde perceber? É isso aquilo de que não nos damos conta. Repetimos, contamos uns aos outros, mas não nos damos conta. Por isso, depois, quando os outros não estão perto de nós, pensamos que estamos sozinhos. André estava sozinho quando estava diante da mulher? Ou já era um André diferente, todo investido, determinado pela presença de Cristo, uma presença objetiva? Sim ou sim? Só pode reconhecê-Lo quem faz experiência disso. Porque, como vocês veem, tudo isso está à nossa disposição, todos viram isso no vídeo, ouvimos Dom Giussani nos contar milhões de vezes, e também lemos. Mas é como se o episódio de André que abraça a mulher fosse apenas uma história, um exemplo, mas que não tem a ver conosco. Não! Aquele André era totalmente ele mesmo, mas era todo diferente. Como André podia entender que a presença objetiva de Cristo estava com ele mesmo quando não tinha Jesus ao seu lado? A mulher não precisou que Jesus estivesse ali com eles, porque já tinha entendido tudo pelo modo como André a tinha abraçado. A mesma coisa, amiga, passa através de você quando você olha para os seus doentes, e as pessoas lhe perguntam: “Por que os olha desse modo? Por que os trata desse modo? De onde nasce esse olhar?”. Cristo está investindo e determinando de tal modo o seu olhar, a sua maneira de ser, a sua maneira de estar na realidade, que até as pedras podem ver! Então, com isso nos olhos, você pode responder à sua pergunta sobre a comunidade dos cristãos. Independente dos seus limites – porque você pode continuar tendo todos os limites –, as pessoas percebem em você um olhar sobre a realidade que não nasce de você, que você não pode dar a si mesma, que não é o êxito de uma estratégia sua. É um olhar dado, do qual você foi investida. E se vê que Cristo é um fato presente porque determina o presente como nenhuma outra coisa, mais do que todos os seus limites, mais do que o modo como o doente lhe responde, mais do que o estado de espírito (“não O sinto”). Não me interessa o que você sente ou não sente, me interessa se você é determinada por aquela Presença. E se vê isso na maneira com a qual você trata a realidade, independentemente da coerência ética, do estado de espírito, das circunstâncias, da resposta dos outros, independentemente de tudo. Uma presença original totalmente diferente: a presença objetiva de Cristo. Porque, senão, você nem sonharia com esse olhar diferente.

Colocação: *Reajo àquilo que você dizia e volto ao que disse a amiga que fez a primeira pergunta. O tempo passa e podemos ficar mais frágeis. Isso, para mim, foi um ponto de escândalo, porque na oração ao Senhor, dizia: mas, como, você me prometeu que eu me tornaria cada vez mais um homem e estou cada vez mais frágil?! No tempo, muitas vezes penso no episódio dos discípulos no mar durante a tempestade: eles O tinham ali e também sabiam que Ele era a resposta, tanto é que, quando vacilaram, quando tremaram, O acordaram. Eu me sinto assim, porque senão – e me corrija se estiver errado – identifico nas suas palavras e no ponto central desta noite quase o risco de que o cristianismo ou a fé tornem-se uma espécie de postura de super-homem. No decorrer dos anos, fui ficando cada vez mais cansado dos meus amigos, que sempre tinham ideias claras sobre como deveria ser a vida, e um deles – digo isso com tristeza –, quando as dificuldades aumentaram, vacilou. Porque eu também era muito ousado, aos quatorze anos, quando encontrei o Movimento; porém, olhando para trás, vejo muita ingenuidade.*

Carrón: A questão é se o cristianismo gera pessoas adultas ou pessoas desnorteadas. Se acontece a segunda coisa, então, vamos todos para casa! Se Cristo não é capaz de gerar uma pessoa que tenha condições de estar diante da realidade, para mim, o cristianismo não interessa.

Colocação: *Mas você está diante da realidade quando, diante da tempestade, você vacila, porém, tem um ponto ao qual pode pedir...*

Carrón: Tem um ponto ao qual pedir, certo. Mas você não gostaria que esse ponto determinasse mais a realidade, de modo tal que, diante da morte, você não seja determinado só pelo medo?

Colocação. *Mas, se quando chego ao momento da morte não tenho a presença de Cristo a quem pedir para me ajudar, não sei se aguentaria o impacto daquelas circunstâncias.*

Carrón: Sei bem que é preciso pedir! A questão é se o cristianismo é só um pedido ao nível do senso religioso ou se você pode ser determinado agora por uma Presença à qual pode pedir porque tem uma familiaridade com ela. Como dizia Bento XVI: quando você cai, cai nos braços de um Outro. De qualquer modo, a questão não se esclarece discutindo, se esclarece vivendo. O texto da

Escola de Comunidade, diz: a presença integralmente humana “implica o método do *encontro*, do deparar-se com uma realidade externa a si”, mas esse encontro “possui um aspecto exterior tão decisivo quanto o interior” (p. 41). Somos muito bons descrevendo o exterior, mas o que acontece em André e João investe e determina o interior. E isso gera uma criatura nova, tanto que a mulher de André vê isso, assim como, hoje, muitos veem, quando nos encontram. Por isso, Dom Giussani sublinha: “a postura ortodoxo-católica concebe o anúncio cristão como o convite a uma experiência presente integralmente humana, um encontro objetivo com uma realidade humana objetiva, profundamente significativa para a interioridade do homem, que provoca a um sentido e a uma mudança da vida e que por isso invade o sujeito” (p. 44). Quando nos identificamos com João e André, aquilo que Dom Giussani descreve neles é isto: um Fato objetivo que invade o sujeito; tanto é verdade que, depois do encontro com Jesus, André ainda era André, mas a mulher exclama: “O que você tem?”, porque percebe que algo invadiu de tal forma a vida de André que pode reconhecê-lo um outro; não sabe exatamente o que lhe aconteceu, mas pode perceber isso pelo olhar mudado. No New York Encounter esteve presente um importante médico, de 65 anos, que nossos amigos conheceram, que contou que durante toda a vida buscou um sentido e um significado, e que às vezes pensou em desistir, como se não conseguisse fechar o círculo. Passou pelo budismo, relacionou-se com protestantes, etc. Assistindo o vídeo pelos sessenta anos de CL (*A Bela Estrada*) no New York Encounter (onde nem queria ir porque o considerava um evento muito católico, o que, para ele, significava regras e proibições), depois de dez minutos – contados no relógio! – exclamou: “É isso!”. Depois, perdeu a pausa do almoço porque queria terminar de assisti-lo. A presença de Cristo é objetiva! É tão objetiva que quando alguém que buscou durante sessenta e cinco anos e a vê diante de si, diz: “É isso!”. Tanto é verdade que já procurou nossos amigos em sua cidade, declarando que não pode perder isso, e descreveu o que lhe aconteceu durante a projeção do vídeo como sendo o evento que mudou a sua vida e que deixou uma marca duradoura que mudou o seu modo de pensar. Não é que este homem seja o último dos sentimentais quando fala de um evento que mudou a sua vida, que deixou nele uma marca indelével, que mudou seu modo de pensar e que lhe dá uma certeza como nunca teve – é assim que ele descreve –. Não é que somos espiritualistas e não vimos o vídeo. Todos o vimos; mas o último que chega, em apenas dez minutos capta toda a diversidade que nós, muitas vezes, normalmente não vemos. Não é que não exista – porque o último que esperava encontrá-la, a reconhece –, mas nós não a vemos.

Vamos escutar, agora, uma pessoa que quarta-feira passada, junto com outras personalidades, esteve no lançamento do vídeo de Dom Giussani.

* * *

Projeção do vídeo da entrevista com Piero Modiano (Tracce.it: <http://bit.ly/1DZbJmQ>), presidente do Sea-Aeroporti de Milão, por ocasião do lançamento do DVD “Dom Luigi Giussani 1922-2005. O pensamento, os discursos, a fé”.

Para quem nunca o conheceu, o que o vídeo de Dom Giussani traz?

Sim, efetivamente, nunca o conheci. Conheci-o através do livro [*Vita di don Giussani*] e através de muitas de pessoas que o conheceram, portanto, um pouco o conheci, porém indiretamente. Eu tinha uma imagem dele, mas o que me impressionou foi a energia da voz, os olhos, a expressão do rosto quando fala, que transmite uma convicção absurda, e uma grande simplicidade de linguagem, que são coisas que talvez eu esperasse, mas vistas, vistas pessoalmente dão muito sentido àquilo que soube dele indiretamente, quer dizer, um pouco o círculo se fecha ao vê-lo, mesmo que através de um vídeo.

Há alguma passagem, alguma frase, alguma definição que impressionou mais o senhor?

Devo dizer que não uma, mas há a coerência de tudo aquilo que ele diz, que a meu ver, é algo que fala à humanidade em geral: que o homem não basta a si mesmo, que o indivíduo não basta a si mesmo, a história não basta a si mesma, não bastamos a nós mesmos. E essa ideia de que dentro de

nós há a aspiração a algo de outro. Bem, este é ele: é ele nos livros, é ele nos seus amigos, é ele que fala. Isso, para mim, permanece.

E fica também aquilo que basta?

Certo, certo! Porém, essa é uma grande busca que, para ele, é a fé. [É] Muito emocionante o fato de que há este grande rio que chega a sua mãe e, [de] sua mãe a ele. Grande problema, grande mistério, o problema é que é uma fé, é uma fé que não divide. É algo de que gostei muito. Tendo conhecido Dom Giussani já com uma certa idade, depois de ter atravessado uma vida tendo Comunhão e Libertação ao lado de modo muito contraditório e contrastado – com a ideia de Comunhão e Libertação integralista –, descubro, depois, que existe uma fé que não divide, que é uma fé curiosa e acolhedora, e que me parece ser, neste Dom Giussani dos últimos tempos – que fala também para além de Comunhão e Libertação –, uma mensagem moderníssima: a convicção e a fé que consegue não dividir, mas consegue ser acolhedora; e se conseguimos isso, resolvemos alguns problemas da humanidade.

* * *

Carrón: Não é que essa pessoa tenha visto algo diferente do que nós vimos.

Davide Prosperi: Modiano fala sobre o que o impressionou de modo tão profundo e cheio de razões que cada um de nós – acredito – poderia dizer a mesma coisa de si porque, certamente, a coisa que impressiona mais imediatamente revendo Giussani é – e podemos dizer que fazemos experiência disso também em muitos momentos da nossa vida – a comunicação de uma certeza, uma certeza sólida que, porém, não divide, ao contrário, desperta a vontade de ser como ele, de segui-lo. E o que Modiano diz, estamos vendo de muitas maneiras. Amanhã será lançado um livro (*Uma atração que move*) que reúne muitas das colocações feitas nas apresentações do livro de Savorana, *Vita di don Giussani*, e mostra como aconteceram muitos encontros similares ao que aconteceu a Modiano. Pensando em tudo isso, o que impressiona é que seguramente essas coisas nascem e estão ligadas à figura de Dom Giussani, mas este ainda pode ser um juízo superficial, porque precisamos realmente entender o que quer dizer para nós. Eu peço isso para a mim. Porque, durante muito tempo, e ainda hoje é possível ver, podemos encontrar em alguns artigos de jornal, em comentários, etc, que houve e há uma tentativa de dividir, de separar Dom Giussani, o fundador, do Movimento, como dizer: Dom Giussani, bem, CL, mal. Mas, aquilo que, dia após dia, fica mais evidente é que, conforme Dom Giussani é conhecido, ele se torna um ponto de interesse, de juízo, de curiosidade e o juízo sobre Giussani e o Movimento muda, como ouvimos no testemunho de Modiano. Ele diz: “o círculo se fecha”, porque o encontro, o primeiro encontro, ele fez através de pessoas de CL. O Movimento, com a sua vida, e também o testemunho direto de Dom Giussani transmitido através da vida do Movimento, está fazendo com que Dom Giussani seja mais conhecido no mundo. E aqui, a meu ver, já se mostra algo próprio em relação à consciência que nós podemos ter da nossa tarefa hoje, por causa daquilo que nos aconteceu; porque, juízos como o que acabamos de escutar, não têm sua raiz em um tipo de moralidade nova, no sentido de que – como se dizia antes – estamos um pouco melhores, que seremos cada vez melhores. A meu ver, não é este o problema, não devemos pensar que seja este o problema, ao contrário, eu acho que este é exatamente o modo com o qual – nós e os outros – podemos reduzir aquilo que realmente está acontecendo na nossa história, como se tudo fosse reduzido ao problema de sermos melhores, um tipo de “moralidade” superior. Eu não me identifico com isso de forma alguma. Para mim, parece que o problema seja, antes de mais nada, a proposta do Movimento, ou seja, aquilo que o Movimento é para si e para o mundo. A proposta do Movimento – se nos atemos àquilo que vemos e se nos damos conta do alcance daquilo que está acontecendo, entre nós e fora, e daquilo de que estamos participando – é só uma: a identificação com o carisma. Porque, que alguém possa dizer a Carrón ou a algum de nós aquilo que acabamos de ouvir: “Conheci-o através de muitas pessoas que o conheceram, portanto, um pouco o conheci, indiretamente [...] são coisas que talvez eu esperasse,

mas vistas, vistas pessoalmente dão muito sentido àquilo que soube dele indiretamente, quer dizer, um pouco o círculo se fecha ao vê-lo”, isso pôde acontecer porque através daquilo que encontrou, pôde conhecer quem é Giussani e pôde vê-lo encarnado em uma realidade humana. O ponto é que essa coisa tão convincente se torne um fator normal, ordinário dentro da vida; comum, mas que na sua trivialidade, exatamente por essa certeza de fé, se torna extraordinário.

Carrón: Aqui, temos um exemplo evidente, que está diante de todos, de como alguém, no presente, pode alcançar uma certeza sobre Dom Giussani, com quem nunca se encontrou, porque Modiano alcançou uma certeza sobre ele através do encontro com as pessoas do Movimento que conheceu durante sua vida, que o levaram, depois, a entrar em um relacionamento cheio de curiosidade e que, depois, o convidaram para participar da apresentação do livro *Vita di don Giussani*. Assim, alcançou a certeza sobre Dom Giussani. Agora, teve a confirmação dessa certeza, mas já a tinha em sua experiência. O vídeo sobre Giussani, como declarou, “fecha o círculo”. Esta é a única possibilidade, como vimos, de alcançar a certeza sobre Cristo no presente; agora, assim como aconteceu com João e André. Fazendo essa experiência de vida você fica cada vez mais fascinado. E em quê isso pode ser visto? Na mudança que provoca em você. Não que, antes de mais nada, você cometa menos erros, mas está diante da realidade com uma certeza, com uma capacidade de fascínio, de curiosidade, de inteligência nova da realidade, de consistência que antes você nem sonhava! Por isso, a única possibilidade para alcançarmos essa certeza é estarmos imersos em uma realidade como a do Movimento. Mas isso não é possível se não percebemos o que está acontecendo. Nós podemos estar diante do vídeo de Dom Giussani e não entender; então, basta que aconteça alguma coisa e nos sentimos sozinhos, perdidos. Se o pertencer ao Movimento não gera uma capacidade de perceber essa diversidade e de gerar uma pessoa cheia de certeza, ficaremos cada vez mais perdidos. É isso que nós carregamos: a possibilidade de alcançar a certeza da presença objetiva de Cristo, agora.

Colocação: *Organizamos a Mostra sobre Dom Giussani “Da minha vida à vossa” em um lugar muito bonito. Fui fazer panfletagem na entrada para convidar as pessoas para visitarem a Mostra. Fiz isso num domingo, das duas às quatro, chovia muito, devia estar uns quatro graus. Pensei: acho que não haverá pessoas na rua, devem me dizer para ficar em casa, e isso me deixava até um pouco contente... Mas, depois, fui até lá e fiquei impressionado. Já faz algum tempo que sou do Movimento, participo de panfletagens há trinta anos. Então: nunca tantas pessoas aderiram ao convite, nunca! Estatisticamente, três pessoas em cada dez, me diziam: “Ah”, olhavam o panfleto, se viravam e entravam na Mostra. Um até me disse – no panfleto estava escrito “Não quero viver inutilmente: é a minha obsessão” –: “Este sou eu; melhor, Dom Giussani é como eu”, e entrou. Era um homem de setenta anos, fiquei impressionado. Houve muitos exemplos assim. Como chovia e havia um caos tremendo, muitas vezes entregava o panfleto (todo molhado!) a pessoas que estavam saindo da Mostra. As pessoas saíam, eu entregava o panfleto, e elas me diziam: “Mas, acabei de sair!”. Eu pensava: a mesma desculpa de quem não quer entrar! Então, também um pouco para testar as pessoas, eu respondia: “Gostou da Mostra?”. Elas paravam, viravam, me olhavam nos olhos e diziam: “Belíssima! Sabe o que nos impressionou mais? Os jovens que a explicavam”. “Por quê?”. “Fizeram-me vivê-la”. Algumas pessoas também me disseram: “Eu queria ser assim”. Um deles era do Movimento, e me disse: “Querida que o meu pertencer ao Movimento voltasse a ter esse frescor. O “chefe” do Movimento onde eu moro é uma pessoa sempre irritada, que só faz discursos. Parei de ir e comecei a ir à paróquia para ajudar o padre, que precisa”. À parte essas histórias, fiquei impressionado com a disponibilidade dessas pessoas, aliás, fiquei impressionado com aquilo que as tocava. No fim, disse a mim mesmo: é verdade aquilo que nos dizemos, ou seja, que estar dentro da realidade é a verificação da fé. E percebi mais aquilo que encontrei, através dessas pessoas.*

Carrón: O bonito são os jovens que explicam a Mostra! Através deles, assim como através de cada um de nós, a graça que receberam pode chegar aos outros. E as pessoas entendem, não porque esses jovens sejam mais inteligentes ou porque não tenham defeitos, mas pela diversidade, pela proposta,

pelo olhar que carregam. Mesmo que estejam sozinhos explicando-a, carregam isso dentro de si, porque a certeza de Dom Giussani tornou-se uma certeza deles.

AVISOS

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 25 de março, às 21h30. Continuaremos o trabalho sobre *Por que a Igreja*, começando o terceiro capítulo: “Segunda premissa: dificuldade hodierna para entender o significado das palavras cristãs”. É um capítulo trabalhoso, por isso, é preciso se preparar, sem se assustar. Esse capítulo tem a vantagem de nos ajudar a entender a origem do colapso das evidências que hoje está diante de todos, como aconteceu no decorrer da história dos últimos séculos. Por isso, pode ser realmente decisivo para identificar em nós a origem da dificuldade de compreendermos o significado das palavras cristãs, porque estamos imersos nas dificuldades de todos. Então, sugiro a vocês duas perguntas: onde está a origem desse colapso que agora é evidente a todos, e como a podemos reconhecer?

Audiência com o Papa. No dia 7 de março vamos com gratidão encontrar o Papa porque reconhecemos e aceitamos com simplicidade, como está escrito na carta, que “a vida de cada um de nós depende da ligação com um homem no qual Cristo testemunha a sua perene verdade no presente de cada momento histórico”. Aquela experiência que os outros reconhecem quando nos encontram, podemos vivê-la somente por causa do vínculo com a fragilidade deste homem que se chama “Papa”. Sem esse vínculo, seria um sonho uma experiência como a do Movimento, tanto é verdade que se não o reconhecemos, nos tornamos uma entre as tantas interpretações do fato cristão como mencionamos antes, uma entre as muitas. Precisamos decidir. Amigos, precisamos decidir! Porque a não decisão, já é a decisão de fazer um outro tipo de experiência. Quando o médico americano, depois de dez minutos de vídeo (*A Bela Estrada*, lançado por ocasião dos 60 anos de Comunhão e Libertação), reconhece: “É isso!”, ele que tinha passado do budismo ao protestantismo, aos sessenta e cinco anos, diz: “É isso!”, diz isso porque percebeu a diferença, mas só a percebeu porque nós vivemos esse vínculo com Pedro. Sem esse vínculo não existiria a experiência do Movimento. Por isso, vamos nos encontrar com o Papa Francisco; não vamos a Roma fazer um passeio porque não temos mais nada para fazer, mas vamos pela consciência do que se joga da nossa vida e da nossa experiência. Por isso, ajudemo-nos a viver o encontro com o Papa já a partir do itinerário da viagem, até o modo de estarmos na praça, seguindo as indicações que permitirão uma ordem e uma beleza, vivendo com atenção todos os aspectos do gesto: o canto, a oração, a escuta, tudo. Ainda é possível se inscrever através da própria comunidade. A audiência é também uma ocasião para fazer conhecer a experiência do Movimento. Por isso, foram criadas uma página no *Facebook* e uma conta no *Twitter* para contar como estamos nos preparando para a audiência. A hashtag que ligará todas essas histórias e testemunhos é #CLdalPapa.

DVD de Dom Giussani feito pelos dez anos de sua morte. Como vocês sabem, o vídeo de Dom Giussani que saiu com o *Corriere della Sera* ficará à venda nas bancas até 21 de março. Nestes dias estará sendo distribuída uma nova tiragem. Por isso, convém encomendar o DVD junto aos jornaleiros.

Uma atração que move. Saíra amanhã [na Itália] o livro *Un’attrattiva che muove. La proposta inesauribile della vita di don Giussani* [Uma atração que move. A proposta inesgotável da vida de Dom Giussani], que reúne as colocações de muitas personalidades (intelectuais, jornalistas, clérigos, professores e políticos) que falam de seu encontro pessoal com Dom Giussani através da leitura de *Vita di don Giussani*.

Veni Sancte Spiritus